

A ARTE ENQUANTO PROVOCAÇÃO SEM FIM...

Em espaços de liberdade criativa assumidamente emotiva, em segredos de imagens que contaminam o esplendor da invenção artística, em rasgos de transcendência incontida espelhada em sucessivas explosões de sensações, Eduardo Verde Pinho doa-nos pinturas que não são passivas gotas de orvalho, mas torrencial chuva estética que emancipa a indiferença e projecta o observador na racionalização das próprias pulsões do inconsciente.

Desenhando directamente na tela as cores ao pincel, de forma que a linha é pintura e desenho em harmonia visual pura, Eduardo Verde Pinho procura, na primeira fase da sua obra, captar, com despreocupação de perfeição e sem tibiezas de estilo, a provocação arrojadamente interpretativa do homem no deambular em sociedade e em peregrinação de existência. Resulta uma pintura que capta as dores do mundo em saturadas telas abstractas de gritos, nadas, ironias, mitos, monstros, obscenidades e de panfletárias banalidades que se diluem numa intelectualidade de cores onde escorrem brancos de clarividência ou de alerta, vermelhos de sangue ou de festa e negros de fatalidade ou de indefinição. Manifestando influências do expressionismo abstracto, perscrutam-se, na sua pintura, ecos de Pollock e de Kooning, influências do neo-expressionismo de Baselitz, bem como com a Arte-Bruta de Dubuffet ou com o estilo único de Barceló.

Depois da tentativa de fixar as texturas da vida e os ritmos alucinantes do tempo, numa linguagem que define como “expressionismo matérico com sinais da pop art”, Eduardo Verde Pinho, em “Corpos”, “Elas” e “Cartões Canelados” do presente, encontra-se num ponto de viragem relativamente à expressão plástica anterior e assume a dissonância: afasta-se do abstracto e aproxima-se do figurativo! Um figurativo que pretende apreender na pintura “a clássica estrutura bidimensional da representação”. Relevamos, por outro lado, que estas últimas obras apresentam traços de originalidade pictórica que se inserem claramente na temática da tradição europeia da pintura moderna e contemporânea na representação da mulher que se inicia com Picasso e, em particular, nas séries de “corpos de mulheres” de Dubuffet ou de Kooning, nos anos 50.

Sem se divorciar do expressionismo, Eduardo Verde Pinho, em “Corpos” e “Elas”, telas e cartões povoados de imagens no feminino, em silhuetas ou negativos de sensualidade, regista a absoluta maturidade do pintor no domínio das técnicas e das matérias que evidenciam ou sugerem as emoções básicas do humano, as visões dos sonhos e fantasias, o deleite que a carne rasga em orgasmos de delírio e felicidade.

Na série “Corpos”, Verde Pinho, propositadamente ou não, parece recorrer à linguagem da fotografia para ampliar psicologicamente o olhar, ou seja, lança-nos na abertura máxima do diafragma para permitir captar e focalizar nas telas os raios luminosos que pulsam e vibram no mais íntimo do ser humano. O filme processado é apresentado com as imagens do negativo da imagem do original, isto é, pinta as partes claras dos corpos a escuro de mistério e as partes escuras da envolvência a claro de simplicidade. Estes negativos de corpos e de mulheres eivados de bronze, abrem-nos para a possibilidade de questionarmos da importância da percepção das cores, enquanto representação interna ao nível do cérebro. Noutra sentido, além das cores, são as formas e o seu movimento que apelam às sensações, aos instintos, como podemos contemplar nas pinturas de mulheres de Verde Pinho, em poses cativantes e de belos e ondulados corpos.

Na série “Elas” distingue-se pela singularidade do suporte que utiliza (cartão), pela técnica mista que renova com sábia mestria e pelos materiais que dominam a produção do resultado final (tinta industrial). O desenho que nasce com a pintura, como referimos atrás, sente-se na superfície dos cartões modelados pelo pincel em gestos largos do artista, manchas de tinta com efeitos de transparência, pingos e borrifadelas de intimismo erótico. As formas assumem a tensão do conjunto em composições de coloridos invulgares a três ou quatro cores, elemento idiossincrático na sua pintura.

Na série “Cartões Canelados”, que se diferencia das duas últimas, acentua gravemente o pendor expressionista nas sombras de corpos quase pontilhados de sinestésicos planos sensoriais de áspera violência, de amargo choro, de gemidos frios, de sussurrados medos estéreis... Mulheres em desequilíbrios sentimentais que angustiam.

Eduardo Verde Pinho mergulhou na arte em espírito de entrega e aspirou atingir o cume da montanha mais alta. Conseguiu o desígnio da altura, mas descobriu de imediato a dimensão infinita da perfeição da beleza. Nesta feliz proposta de caminho, aceitou o novo desafio de pintar os dois entes sublimes do sexto dia da criação. O talento de Verde Pinho é orgulho da arte contemporânea portuguesa, no entanto não esquece o pensamento de Kandinsky no seu livro *Do Espiritual na Arte*: “a função do artista não é só aperfeiçoar a forma, mas adaptá-la ao conteúdo”. Em conclusão... a arte enquanto provocação sem fim...

Delfim Sousa

Director da Casa-Museu Teixeira Lopes